

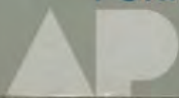
TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

(1900 - 1945)

Organização, selecção e notas
de LUIZ FRANCISCO REBELLO



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES





TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

(1900 - 1945)

Organização, selecção e notas
de LUIZ FRANCISCO REBELLO

1. Em Henrique de Almeida e Gil Vicente até aos nossos dias, é possível seguir, com elevado grau de aproximação, a trajetória da dramaturgia portuguesa através de peças em um só acto — e a isso se para esta série de antologias, por enquanto circunscritas ao século XX, em que estão representados, com muito poucas excepções, todos os grandes nomes da nossa literatura teatral, a par de outros que, não sendo tão grandes, nem por isso contribuíram menos para que ela subsistisse, contra ventos e mares, ao longo dos tempos. Porque nada há de mais errado do que limitar a história teatral de uma figura a algumas das suas obras maiores; a actividade cultural não se esgota nelas e as suas fronteiras tendem a alargar-se cada vez mais. O seu estudo ficaria imediatamente incompleto, e portanto desfigurado, se amputado de aspectos e objectos considerados (com ou sem razão) menores, e até de manifestações a que germinemente (e preconceitualmente) se não reconhece o estatuto de culturais, mas pelas quais se definem o gosto, os hábitos e as tendências dominantes de uma época. Não estranhe, pois, o leitor se encontrar, neste e nos demais volumes que vão publicar-se, nomes e títulos que lhe não são familiares: il-lo-do não para um público que entretanto desapareceu, e nisso medida concorreram para que se não quebrasse a continuidade de uma tradição que, entre nós, sempre esteve ameaçada de ruptura por toda a espécie de conjunção.

A recolha abrange apenas peças em um acto, quais foram as que os nossos mais remotos dramaturgos escreveram e, de então para cá, quase todas (um António Ferreira, um Francisco Manuel de Melo, contam-se entre as raras e ilustres excepções; e quanto ao século XX, o episódio da Ilha das Lagartas é uma verdadeira peça num acto, encastada na Vida do Grande D. Quixote) sem incluído na sua bagagem teatral. Parece assim ficar demonstrada uma afirmação, muitas vezes citada, de Elio de Almeida, para quem a comédia serviu a intensidade de

temas portugueses

PEDROSO RODRIGUES

A Cilada

(1914)

Eduardo Pedroso Rodrigues nasceu em Coimbra em 1883, não tendo sido possível apurar a data em que faleceu. Aos 20 anos viu premiado num concurso, e representado no Teatro D. Amélia por três grandes actores (Rosa Damasceno, Eduardo Brazão e Augusto Rosa), o seu *Auto Pastoril*, que, no dizer de Joaquim Madureira, revelava «um poeta e talvez um dramaturgo». O poeta reafirmou-se com a «lenda dramática» em verso *Bodas de Lia*, levada à cena em 1906 no Teatro Nacional; o dramaturgo, com uma engenhosa peça policial num acto *A Cilada*, que no mesmo Teatro se representou em 1914. Mas nem um nem outro perseveraram, já que duas outras peças anunciadas na edição desta última (*Dom Belisário* e *O Bom Ladrão*) nunca chegaram a ser publicadas ou postas em cena.

A Cilada estreou-se no Teatro Nacional de Almeida Garrett em 21 de Maio de 1914, sendo seus intérpretes Augusta Cordeiro (ROSÁLIA DINIZ) e Carlos Santos (CAMILO NOGUEIRA).

A CILADA

PERSONAGENS:

ROSÁLIA DINIZ.

CAMILO NOGUEIRA.

UM CRIADO.



Num pequeno salão em casa de Rosália Diniz. Luxo sóbrio e discreto. Portas ao F. À D. B., porta envidraçada que dá sobre o jardim, portas à E. e à D. Vêm-se através dos vidros as árvores do parque e um fundo de céu enevoado e triste. Fim de dia de Inverno. Rosália Diniz de 38 a 40 anos, ainda sedutora e bela, assentada ao fogão, cisma.

Um criado entra pelo F.; Rosália volta-se bruscamente.

ROSÁLIA — Que é?

O CRIADO (que traz um cartão sobre a salva de prata) — Este cartão.

ROSÁLIA (que lê o nome com surpresa) — Está à espera?

CRIADO — Eu respondi que não sabia se V. Ex.^a estava.

ROSÁLIA (depois de longa hesitação) — Mande entrar.

(O criado sai. Rosália vai à janela que deita sobre o jardim, afasta as cortinas de renda e com o nariz colado aos vidros contempla no céu os últimos raios de Sol já no poente.)

CRIADO — O Sr. Camilo Nogueira.

(O criado curva-se para dar passagem a Camilo Nogueira, homem de 50 anos, insinuante e cheio de distinção. Veste elegantemente de luto. O criado desaparece, não sem ter trocado com Camilo qualquer misterioso sinal.)

ROSÁLIA *(que se voltou quando ouviu o nome do visitante)* — É o Sr. Camilo Nogueira?

CAMILO — Eu próprio, minha senhora. O pai de Jorge Nogueira.

ROSÁLIA — Tenho o maior prazer em o ver pela primeira vez em minha casa. *(Indica-lhe uma poltrona.)*

CAMILO — Era um dever meu procurar V. Ex.^a para lhe agradecer a amizade com que o Jorge foi sempre tratado nesta casa.

ROSÁLIA — Bem vê: o noivo de minha filha era quase da família, já... Nada tem que nos agradecer.

CAMILO — Que nós dois conhecemo-nos há muito tempo, apesar de nunca nos termos encontrado.

ROSÁLIA — De nunca nos termos visto, mesmo. O Sr. Nogueira tem vivido sempre na província?

CAMILO — Sempre. Só depois da morte de meu filho é que tenho vindo a Lisboa.

ROSÁLIA — Gosta de Lisboa? Viveu aqui na sua mocidade?

CAMILO — Vivi. Mas hoje os prazeres do mundo são meus inimigos. Se aqui tenho vindo ultimamente, é porque ainda não perdi de todo a esperança de desvendar o mistério da morte de meu filho.

ROSÁLIA — Ainda tem essa esperança?



ÍNDICE

Prefácio, de LUIZ FRANCISCO REBELLO	7
MARCELINO MESQUITA — <i>O Tio Pedro</i> (1902)	15
MANUEL PENTEADO — <i>Lei-San</i> (1903)	31
JORGE SANTOS — <i>A Festa da Actriz</i> (1903)	45
AUGUSTO DE LACERDA — <i>Terra Mater</i> (1904)	59
MANUEL LARANJEIRA — <i>Às Feras</i> (1905)	103
MÁRIO GOLLEN — <i>Os Degenerados</i> (1905)	141
EMÍDIO GARCIA — <i>Os Que Furam</i> (1905)	155
JÚLIO DANTAS — <i>Mater Dolorosa</i> (1908)	179
CARRASCO GUERRA — <i>O Triunfo</i> (1908)	203
URBANO RODRIGUES E VÍTOR MENDES — <i>O Camarim</i> (1910)	225
BENTO MÂNTUA — <i>O Álcool</i> (1912)	247
ANDRÉ BRUN — <i>Cavalheiro Respeitável</i> (1914)	273
PEDROSO RODRIGUES — <i>A Cilada</i> (1914)	297
PONCE DE LEÃO — <i>A Onda</i> (1915)	311
FERNANDO PESSOA — <i>O Marinheiro</i> (1915)	331
ABREU E SOUSA — <i>Penélope</i> (1919)	347
ALMADA NEGREIROS — <i>Antes de Começar</i> (1919)	361
RAUL BRANDÃO — <i>O Doido e a Morte</i> (1923)	379
ANTÓNIO PATRÍCIO — <i>Judas</i> (1924)	397
VASCO MENDONÇA ALVES — <i>Viva da Costa!</i> (1925)	403
VITORIANO BRAGA — <i>Lua-de-Mel</i> (1928)	427
CHAGAS ROQUETE — <i>O Trivial</i> (1928)	445
BRANQUINHO DA FONSECA — <i>A Posição de Guerra</i> (1928)	455
ANTÓNIO FERRO — <i>A Mulher Fatal</i> (1928)	467
JOÃO PEDRO DE ANDRADE — <i>Continuação da Comédia</i> (1931)	479
RAMADA CURTO — <i>Três Gerações</i> (1931)	497
ALICE OGANDO — <i>A Prima Tança</i> (1934)	513
CARLOS SELVAGEM — <i>Balada de Outono</i> (1945)	527



Esta edição de
Teatro Português em Um Acto (1900-1945)
foi executado na
IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA
com uma tiragem de mil exemplares.
Orientação gráfica do Gabinete Editorial da INCM.
Capa de Armando Alves.
Como vinheta utilizou-se desenho da autoria de
Branquinho da Fonseca, extraído da peça
A Posição de Guerra, edição da *Presença*, 1928.

Acabou de imprimir-se
em Outubro de mil novecentos e noventa e sete.

ED. 42 000 952
CÓD. 205 155 000
ISBN 972-27-0867-8

DEP. LEGAL N.º 115 805/97